

FERNANDO PESSOA

CONTOS ESCOLHIDOS

edição

Ana Maria Freitas

Fernando Cabral Martins

ASSÍRIO & ALVIM

PREFÁCIO

Este novo volume reúne um conjunto de contos de diferentes épocas da vida de Fernando Pessoa. Selecionar alguns títulos na vasta área da prosa ficcional, na «floresta» de títulos e de projetos associados, é tarefa dominada por dúvidas e hesitações. Com efeito, muitas das mais belas páginas em prosa que Pessoa escreveu pertencem a narrativas fragmentadas de que não se percebe, com clareza, qual o princípio, o meio ou o fim. A prosa ficcional é um complexo edifício a que Pessoa tenta repetidamente dar forma para publicação, reorganizando conjuntos, modificando textos, acrescentando e transformando, num processo que continua, por vezes, ao longo de anos.

Passada a fase de ponderação e devidamente pesados os objetivos desta antologia, foi escolhido um conjunto de contos com um avançado grau de completude. Hesitamos em classificá-los de «completos», pois, para Pessoa, esse grau da escrita, embora alcançável, não era definitivo. Foi isso que aconteceu com dois contos aqui incluídos, «O Banqueiro Anarquista» e «Um Grande Português» que, apesar de estarem completos e terem sido publicados tal como aqui estão transcritos, Pessoa modificou mais tarde.

Procurou-se, de igual modo, que os contos fossem representativos do universo ficcional do seu autor. A profunda

coerência concetual da obra de Pessoa abrange a prosa ficcional, concebida como parte integrante da obra. As narrativas têm ligação direta aos textos filosóficos, por vezes até com repetição de frases, e desenvolvem, de outro modo, as traves mestras da obra poética.

Pessoa agrupou, a dada altura, a maior parte das suas ficções num grande conjunto a que deu o nome de «Contos Intelectuais». São contos com longos argumentos filosófico-metafísicos sobre o Universo, sobre o Desconhecido, sobre as diferentes dimensões da realidade e sobre a perceção que dela recebemos através das mensagens dos sentidos, sobre as experiências de despersonalização provocadas por alterações do estado de consciência. É exemplo deste último aspeto o conto «A Estrada do Esquecimento».

Em ficções diferentes, desenvolve-se o mesmo esquema narrativo. O conhecimento de nós mesmos e do Universo de que somos parte é a viagem interior que cada um deverá fazer, tal como o Peregrino do conto com o mesmo título, sob a orientação de um Mestre sempre inesperado, seja ele um homem de que só se conhece o contorno e a cor do fato, ou a figura mítica do príncipe das trevas. Era sobretudo esse carácter intelectual, salientado no título da sua lista de contos, que interessava a Pessoa desenvolver, mais do que enredos e tramas narrativas. Tal como acontece com o conceito pessoano de Teatro Estático, onde não há ação, nem enredo, mas a revelação de almas através das palavras, nos contos de Pessoa a palavra é central, e assume a forma de diálogo ou monólogo, em que o discurso de um conduz e provoca um

segundo elemento — por vezes somente implícito, como é o caso de «Maridos», em que a existência do «senhor juiz» ou dos «senhores jurados» só se depreende pelo vocativo usado pela mulher, outras vezes com um papel diminuto, como é o caso de «O Banqueiro Anarquista», ou tendo o papel de mero veículo, como na «Hora do Diabo», em que o discurso se parece dirigir, verdadeiramente, ao filho por nascer.

A importância da discussão de hipóteses e de paradoxos na ficção está implícita num esquema em que, a dado momento, Pessoa divide os seus contos. Para além das novelas policiárias da série *Quaresma*, *Decifrador* e de *Na Farmácia do Evaristo*, uma «introdução a toda a Sociologia», os títulos são divididos em *Antíteses*, *Hipóteses* e *Espectros*. Está incluído na primeira categoria «O Banqueiro Anarquista», que o autor também designa noutra lugar por «conto do raciocínio», e, na terceira categoria, surge «O Peregrino», dois dos contos deste *Pessoa breve*. Estas linhas narrativas marcam a ficção de Pessoa, pois, continuando o pendor «intelectual» do todo, desenvolvem dentro dele aspetos que Pessoa aprecia, enquanto desafios ao raciocínio convencional. O funcionamento da mente humana, questões de carácter e de vontade, os impulsos e as doenças que comandam a mente constituem uma outra linha ficcional.

Abre esta seleção um conto em inglês, «A Very Original Dinner». Pessoa, que planeava enviar este conto para publicação ao jornal inglês *Cassell's*, assina como Alexander Search, um *alter ego* de juventude, que com ele partilha a data e o local de nascimento, assim como a morada e a correspon-

dência. Terá surgido cedo, por volta de 1906, tendo mesmo herdado poemas de 1904, anteriormente atribuídos a Charles Robert Anon. Alexander Search é uma personalidade literária muito próxima de Pessoa que com ele se confunde nalguns aspetos, nesta fase da sua vida. No plano de obra a realizar, com a designação geral *The Transformation Book* or *Book of Tasks*, a obra planeada divide-se entre Search, Pantaleão, Jean Seul de Méluret e Charles James Search, o seu irmão. É ainda possível encontrar poemas mais tardios assinados por Search. O conto «A Very Original Dinner» revela a influência, própria desta fase, de um Edgar Poe contista, de quem cita o conceito de *perverseness*. A ligação aos contos de Edgar Poe poderá ainda ser encontrada através de «The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket», pelo tema do canibalismo, ou em «Thou art the Man», pelo tema da vingança. Podemos ainda lembrar a sangrenta tragédia shakespeariana *Titus Andronicus*.

O pequeno conto «A Estrada do Esquecimento» está a uns anos de distância desta primeira ficção, pois data de 1914, altura do início da Grande Guerra e é possível ver nele a marca desse acontecimento. Descreve a cavalgada de um grupo de homens, entre chuva e lama, numa escuridão «sem forma, lugar ou fundo», num local de que nada sabemos e que poderia ser qualquer cenário de guerra. Num estado de alteração de consciência provocado pela ausência de referências e pelas mensagens confusas dos sentidos, com a audição a substituir a visão, o individual perde-se no coletivo, numa «multiplicidade de uma pessoa só».

«O Peregrino», datado de 1917, é um conto de carácter esotérico. Tem um começo ao jeito da *Menina e Moça*, de Bernardim Ribeiro: «Contente vivia em casa de meus pais, na minha cidade natal à beira mar». Continua com a descrição de um percurso iniciático, por dez patamares de conhecimento, número a que tudo obedece, desde o título, em português e em inglês, até aos lugares e à simbologia que lhes está associada. A frase impercetível de um misterioso Homem de Preto fornece o impulso catártico inicial para a viagem. Pertence a este conto um importante conjunto de documentos correspondentes não só ao enredo do conto, mas também a textos alternativos, a anotações complementares de carácter rosacruziano e mesmo a registos sobre a estrutura de todo o conto, indicativos de um projeto de narrativa de longa extensão.

«A Hora do Diabo», a que o autor deu o título alternativo de «A Noite do Diabo», é um conto de carácter metafísico-esotérico, que consiste no diálogo entre uma mulher que regressa de um baile de máscaras e o Diabo. «O eterno Diferente, o eterno Adiado, o Supérfluo do Abismo», «o Deus dos mundos que foram antes do Mundo», como a si próprio se descreve o senhor da noite e do luar, estabelece um diálogo quase monologado com a mulher.

«O Banqueiro Anarquista» foi publicado no n.º 1 da revista *Contemporânea*, em 1922. Na carta a Adolfo Casais Monteiro de 1935, Pessoa refere a intenção de rever o conto publicado e de o traduzir para inglês, com o objetivo de o publicar em Inglaterra. Segundo a classificação do próprio

autor (em carta de 1922 ao diretor da *Contemporânea*, José Pacheco), tratava-se de uma «sátira dialéctica». O carácter paradoxal do enredo reside na ideia central: um anarquista que se torna banqueiro para melhor destruir o sistema. O conto recebeu ainda a classificação de «conto do raciocínio», designação que apontava para o carácter de problema de natureza intelectual, como Pessoa preferia para as suas ficções. No ano da morte, em 1935, Pessoa preparava «uma versão inteiramente remodelada do *Banqueiro Anarquista*», após o que pretendia traduzir «o escrito» para inglês, com o objetivo de o publicar em Inglaterra, pois considerava, como diz na carta a Adolfo Casais Monteiro, que «tal qual deve ficar tem possibilidades europeias».

«Um Grande Português», narrativa que alguns consideram alegórica, narra a história da origem da expressão «conto do vigário». Segundo nos conta Pessoa, teria sido um pequeno lavrador e comerciante de gado, de nome Manuel Peres Vigário, que, ao enganar através de um hábil estratagema quem o pretendia enganar a ele, criou na mente popular a popular expressão.

«Maridos», um conto sem datação explícita, mas que se adivinha mais tardio, dá expressão a uma voz feminina que, num tom panfletário, se eleva em tribunal numa reviravolta em que, de acusada, se transforma em acusadora. Revolta pelo seu destino de «mulher séria» e nojo pelo sexo marcam as palavras que dirige a um juiz e a uns «senhores jurados» silenciosos, transformados, para a ocasião, em representantes do poder masculino. Trata-se de um texto paradoxal,

característica do agrado de Pessoa, mas que aqui se torna inesperado pela expressão, na primeira pessoa, de uma raiva no feminino.

Adiar como uma das artes, a arte de «não-fazer com complexidade», passível de ser ensinada por um velho que fazia desse ensinamento a sua profissão, é este o assunto do conto seguinte, «O Adiadador». Aceitar a derrota inevitável que espera todos os atos humanos é uma das derivas da lição dada por um «Passos, Adiadador», conforme se podia ler na tabuleta da fachada de sua casa, ao narrador que vagueia pela vila entre duas etapas da sua viagem de comboio.

«A Carta da Corcunda ao Serralheiro», conto sob a forma de carta a não enviar, escrita por uma rapariga corcunda e doente a um belo e saudável serralheiro chamado António, é um texto disfórico, em que a abjeção do corpo é repetida sob a forma de expressões como «trapo esquecido» e «planta murcha». É a segunda voz feminina deste conjunto de contos, uma voz interior, de sujeição, de aceitação de um estatuto de inferioridade, em oposição ao discurso gritado e acusador da mulher que matou o marido.

«A Caçada», último conto desta série, pertence aos últimos anos da vida criativa de Pessoa. Narrando uma caça ao homem, em que a empatia do narrador se situa claramente no campo do perseguido, que compara a um animal caçado, este conto afasta-se das temáticas mais usuais na obra do autor. No grupo variado de gentes que perseguem, onde as crianças, convencionalmente inocentes, têm lugar, encontramos o instinto desumanizante da turba. Distante dos diálo-

gos filosóficos que caracterizam a ficção do autor, este texto tem, no entanto, implícita uma questão de ética e uma crítica social.

Esta edição reúne textos que, de uma forma ou outra, foram publicados anteriormente. Com exceção dos contos «O Banqueiro Anarquista» e «Um Grande Português», publicados em vida de Pessoa, foram aperfeiçoadas as leituras dos outros contos. Houve ainda uma uniformização da pontuação dos diálogos. No caso do conto «A Very Original Dinner», o texto foi traduzido para esta edição.

Símbolos usados nesta edição:

- espaço deixado em branco pelo autor
- [] texto acrescentado pelo editor